

7. Os Braços da América

**a zoo tour começa / os fantasmas de martin luther king, jr., e phil ochs sentam-se /
escolhendo uma dançarina do ventre/ bruce springsteen fala sobre a qualidade da
grandeza / axl rose se convida para entrar a bordo**

NO DIA PRIMEIRO DE MARÇO a Zoo TV Tour começa em Lakeland, Flórida, distante cerca de uma hora de Tampa. Os Trabants estão cuidadosamente pendurados no teto, as colossais telas de TV estão piscando sobre o palco e Bono está sendo enfiado dentro da sua roupa de couro. Na plateia, o malvado B. P. Fallon, um veterano paz-e-amor dos anos 1960, que tem sido crítico de rock e publicitário do Led Zeppelin, está sentando em um dos Trabants vestindo uma capa e um chapéu de abas largas, servindo de DJ para uma audiência ansiosa e bombando com as músicas inspiradoras de John Lennon, Bob Marley e outros grandes ídolos mortos.

Enquanto Bono, como uma mosca - com seus óculos escuros de olhos de inseto - espera no camarim para entrar no elevador provisório que vai elevá-lo até um holofote, ele tem uma revelação: na verdade, ele não sabe o que irá fazer quando chegar lá fora.

“Você sabe”, ele diz, “para essa turnê nós trabalhamos por quatro meses antes de sair de Dublin. Nós criamos ‘The Fly’, arrumamos os óculos, montamos a nossa estrela de rock pós-moderna”. Ele aponta para cada um dos seus membros como se estivesse fazendo uma visita guiada pelo tempo. “Nós temos a perna do Jim Morrison, o topete do Elvis, Lou Reed, Gene Vincente - juntamos isso tudo e o criamos. Fizemos as fitas, fizemos os loops, descobrimos como tocar polirrítmos, gastamos meses nisso. Chegamos aqui, as pessoas estão abrindo caixas. Eu visto a minha roupa. E agora o quê?”, questiona.

Artistas como Prince e Michael Jackson gastam meses trabalhando com espelhos, ensaiando o que irão fazer no palco, encontrando-se com coreógrafos. O U2 não pensa nisso. Eles simplesmente esperam que Bono faça algo interessante quando sair de lá.

Boa coisa ele faz! As luzes diminuem e o Presidente Bush aparece na tela para dizer à audiência “We will, we will rock you!” enquanto Adam, Edge e Larry deslizam para o palco na escuridão. A introdução de “Zoo Station” explode na escuridão enquanto os Vidiwalls¹ se enchem com neve azul e estática. Enquanto a música sacode a sala, Bono lentamente ascende para o nível superior do palco, a sua silhueta de perfil contra a tela azul, vibrante atrás de Edge, e com o dobro do tamanho na imagem de vídeo dele projetada na tela azul, vibrante atrás do Adam. A audiência celebra, bate os pés, aplaude e Bono se dá conta que é melhor ele

¹ Vidiwall ou Video wall (parede de vídeo) é um equipamento que consiste em uma série de monitores conectados fisicamente em arranjo, empilhados e enfileirados de maneira modular de modo a formar uma grande tela. Normalmente são compostos por painéis de LCD ou LED.

fazer algo, então ele se desequilibra para trás a cada batida poderosa, cambaleante como um bêbado, primeiro no lugar, depois através da passarela que atravessa o palco, e canta enquanto anda: "I'm ready, ready for the laughing gas! I'm ready for what's next!" Bono sabe que o que está fazendo está funcionando, mas também se pergunta: "O que teria realmente acontecido se eu tivesse *pensado* sobre isso?"

Em "The Fly", Bono realmente imita Elvis em 1968, dançando em sua roupa de couro ao ritmo de uma música que, por toda sua modernidade sônica, me parece muito com uma música de Elvis Presley.

Parcialmente por causa das frases epigramáticas – você não consegue ouvir Elvis pregando: "A man will rise, a man will fall, from the sheer face of love, like a fly from the wall"? (Um homem vai se erguer, um homem vai cair, da face pura do amor, como uma mosca na parede)¹ Mas, também porque a estrutura básica da música é um dos antigos versos de rock & roll que se transforma num refrão gospel. De qualquer modo, nada disso pode ser aparente para a multidão, que está maravilhada pelos aforismos e palavras praguejadas mudando a mil por hora nas telas de TV: 'Chame sua mãe', 'Eu gostaria de ensinar o mundo a cantar', 'Todo o mundo é racista menos você'². Conforme a música atinge o clímax os slogans piscam cada vez mais rápido.

Nos primeiros quarenta minutos, o U2 toca apenas material do Achtung Baby, uma jogada arriscada que acaba dando certo. Em vez de tratar as novas músicas com as quais não estão familiarizados como desculpa para irem comprar pipoca entre os hits, o público é forçado a colocar toda a sua energia no novo material e - auxiliado pelos fogos de artifício visuais - ele participa.

Depois de se rasgar em sete das músicas novas - e no exato momento onde a audiência poderia estar se ajustando ao excesso sensorial - Bono acha o seu caminho através da rampa entre o palco principal e o palco B e canta "Tryin' to Throw Your Arms Around the World" enquanto caminha através da multidão. É um pequeno toque de intimidade à la Engelbert (Humperdinck, cantor anglo-indiano famoso nos anos 60 e 70) depois de um distanciamento contínuo à la Tom Jones (cantor e ator galês) e a pulsação dos fãs realmente acelera quando Bono arranca da plateia uma garota excitada, dança com ela e então sacode e estoura uma garrafa de champanhe. Ele partilha com ela e alcança uma handcam, uma pequena filmadora, e pede a ela para filmá-lo. Quando ela pressiona o botão, as Zoo telas são invadidas por um close-up de Bono cantando para a fã. Edge então caminha pela rampa, inclina-se para o microfone na mão de Bono e os dois cantam juntos enquanto a camerawoman convidada continua a filmar. O voyeur e o objeto trocaram de lugar.

¹ Trecho da música "The Fly".

² No original: "Call your mother, I'd like to teach the world to sing, Everyone's a racist except you".

Quando a música acaba, Edge e Bono caminham para o palco B como se tivessem acabado de se dar conta de que estavam lá e, para o deleite do público, fazem sinal para Adam e Larry virem juntar-se a eles. Depois do bombardeio audiovisual que alguns dos antigos poderiam temer como um sinal do fim do antigo U2, aqui estão os garotos íntimos e pessoais, sem efeitos especiais, tocando guitarras acústicas, batendo em congas e cantando velhos hits como “Angel of Harlem”. No final do set acústico, Bono e Edge permanecem no palco B para tocar uma versão delicada de “Satellite of Love”, do Lou Reed, enquanto um Trabant coberto com pequenos espelhos balança lentamente sobre a cabeça deles, refletindo prismas pela arena, fazendo parecer que o lugar todo mergulhou no espaço.

Quando o U2 volta para o palco principal, eles pegam leve nos seus greatest hits e músicas que satisfazem a plateia – “Bullet the Blue Sky”, “I Still Haven’t Found What I’m Looking For”, “Pride (In the Name of Love)” e “Where The Streets Have No Name”, enquanto até mesmo os policiais batem em seus cassetetes e os vendedores de cachorro quente se sacodem.¹

Bono volta para a segunda parte vestido num terno feito de espelhos, óculos e um grande chapéu de cowboy. Ele aparece segurando um grande espelho no qual admira-se e beija o seu reflexo. Ele canta “Desire” como Mirrorball Man, um agressivo proto-americano com um sotaque de evangelista do Sul e um estilo de vendedor de carros pela TV. Esse é o personagem baseado nas frases de “Desire” sobre “um pregador roubando corações num show ambulante por amor ou dinheiro, dinheiro, dinheiro” (a preacher stealing hearts on a travelling show for love or money, money, money). Depois de a música acabar (e atirar dólares falsos para o público) o Mirrorball Man pega o telefone e liga para a Casa Branca. A audiência ouve deliciada um operador perplexo dizer-lhe que o Presidente Bush não pode atender o telefone no momento.

Esse final me lembra um bizarro e praticamente esquecido incidente do final dos anos 1960, quando um talentoso e atormentado cantor de protesto, Phil Ochs, arriscou a carreira e perdeu. Ochs - considerado pelo pessoal da esquerda como seu líder depois de Dylan ter “se vendido” ao tornar-se elétrico - anunciou que iria tocar um show importante no Carnegie Hall. Ele apareceu no palco vestindo um terno de lamê dourado, como Elvis na capa do seu Greatest Hits, e continuou tentando “Elvizar” a audiência que protestava.

Os sofridos folkies estavam mortificados. Eles voltaram para Greenwich Village e declararam que Ochs estava louco. Mas estavam enganados. Ochs decidiu que não adiantava ser visto como um reclamão e pregar para os convertidos. Se você realmente quiser atingir a massa, se você realmente quiser ser subversivo, a melhor maneira de fazê-lo era tentar se comunicar tão completa e generosamente quanto Elvis Presley fazia. Dê as pessoas o espetáculo do showbiz (entretenimento), mas dê também algo sólido para elas mastigarem.

¹ No original, “[...] hotdog men shake their buns”. “Buns” pode referir-se aos pãezinhos do cachorro-quente, mas também significa nádegas.

Eu não sei se o U2 alguma vez ouviu falar em Phil Ochs, mas quando Bono arrastou-se para o palco com as luzes douradas e prateadas refletindo-se no seu terno e cantou algumas das mais profundas e pessoais músicas que o U2 um dia escreveu, com a sua cintura rebolando e a multidão dançando, eu pensei “Meu Deus, talvez Phil tenha realmente descoberto algo apesar de tudo”. A verdadeira prova foi quando, no meio de “Pride”, os Vidiwalls se iluminaram com um filme de Martin Luther King e seu discurso “I’ve Been to the Mountaintop” (Eu estive no topo da montanha), na noite anterior ao seu assassinato. Dr. King foi usado como uma base audiovisual enquanto o U2 tocava sob ele. Quando ele acabou com “I’ve seen the promised land” (Eu vi a terra prometida), a garotada ficou enlouquecida como se ele tivesse acabado de cantar “Stairway to Heaven”.

Uma noite, eu estou sentado com Bono num bar quando um cara se aproxima, estende a mão e diz: “Bono, eu trabalho com Michael Ochs, o irmão de Phil Ochs”. Ele diz o nome do cantor folk com um ponto de interrogação, sem saber se Bono irá reconhecê-lo. “Não me diga”, eu me intrometo. “Ele quer o terno do Phil de volta!” Bono demora a reagir, surpreso, e diz: “Boa ideia, Bill”. No fim, ele sabe tudo sobre Phil Ochs e o seu duelo no Carnegie Hall.

Pelas próximas duas semanas, a Zoo TV Tour ataca a Costa Leste através da Flórida, Geórgia, Carolina e Virgínia, depois ao Norte até Long Island, Philadelphia e New England. É um show triunfante. Durante os ensaios na Flórida, um dos membros da equipe conhece uma fã no estacionamento que se identifica como dançarina do ventre. Como brincadeira, o membro da equipe a deixa dançar no palco e surpreende Bono durante o ensaio de “Mysterious Ways”. Depois do primeiro show, Bono decide que gosta do efeito, então agora a dançarina, Christina Petro, é adicionada à turnê. Cada noite, durante “Mysterious Ways”, ela rodopia pelo palco fora do alcance de Bono enquanto ele se esforça para tocá-la.

A cabeça de Bono entra em parafuso uma noite quando Eunice Kennedy Shriver, a irmã de JFK e mãe de Bobby Shriver, um jovem e influente político Democrata e aliado dos amigos do U2, Jimmy Iovine e Ted Fields diz a ele que sempre existiram anjos no palco do U2, mas que agora eles estavam deixando entrar os demônios também. Ela diz que gosta disso, pois torna a luta mais justa.

O U2 toca maravilhosamente no Madison Square Garden na última noite do inverno. Nos camarins, grandes nomes do mundo do esporte (como John McEnroe), da música (como Peter Gabriel) e do cinema (como Gary Oldman) acotovelam-se para aproximar-se da banda. Bono é prensado num canto por Bruce Springsteen, que o cumprimenta por conseguir a difícil tarefa de fazer um show numa arena cheia de surpresas. Bono explica que durante o show dessa noite estava distraído por pensamentos sobre um irritante homem de negócios de Wall Street que o abordou no bar do hotel. O yuppie gabou-se de ter comprado, juntamente com os amigos, uma série de ingressos de cambistas, exatamente o tipo de coisa que o U2 tenta evitar que aconteça.

“Durante todo o show essa noite”, diz Bono, “eu via esse idiota aparecendo na minha cabeça”. Ele gesticulava batendo em si mesmo. “Eu continuava pensando nele, sentado no público, sorrindo insolente”.

Springsteen olha para Bono e diz “Isso é patético!” Bono parece magoado e Bruce ri e diz: “É por sermos uns grandes egomaníacos! Temos que vencer todos até a última pessoa do lugar!”

Bono começa a rir também.

Springsteen tem sido uma figura relevante para o U2. Ele veio aos camarins para vê-los quando ainda tocavam em clubes e sempre mostrou confiança de que alcançariam um grande público. Para o U2, Springsteen era a prova de que era possível para um músico da classe operária, vindo de lugar nenhum, chegar ao topo sem comprometer seus princípios e encaixando-se no estilo de vida das estrelas do Rock.

Isso era uma ótima notícia para quatro garotos de Dublin que não eram, nem de longe, tão modernos quanto as sensações surgindo em Londres naquela época.

Mais tarde, quando o U2 começou a ter um sucesso comparável com o de Springsteen, Bono teve a coragem de desafiar Bruce a escrever menos sobre personagens fictícias e mais sobre ele mesmo. Isso foi justamente depois de “Born in the USA” ter tornado Springsteen a maior estrela de rock da Via Láctea, portanto, a maioria das pessoas imaginava que Bruce tinha desenvolvido os seus métodos com sucesso. Mas para Bono - que veio da tradição de John Lennon - “Aqui vai mais uma música sobre mim” - Springsteen estava evitando algo.

Bruce disse a Bono que não achava que a vida dele era interessante o bastante. “Eu entro num ônibus, saio de um ônibus”, ele disse. Mas, o seu álbum seguinte, Tunnel of Love, foi claramente autobiográfico. Era também super bom. Bono não se acha tanto para pensar que ele influenciou “The Boss”, mas ele estava orgulhoso pelo seu impulso ter sido preciso.

Springsteen diz que a reação para ele ter tanta certeza que o U2 iria ser uma grande banda desde o início tinha a ver com as diferentes maneiras que o rock & roll funciona nos clubes, teatros, arenas e estádios. “A minha própria música era do tipo certo para grandes lugares porque ela era grande”, ele diz. “Eu acho que essa é uma das razões para o U2 ter tanto sucesso. A música deles era grande e cheia de eco. No momento em que os ouvia, podia ouvi-los num grande espaço. Eles tinham grandes emoções, grandes ideias. Essas coisas tendem a traduzir-se bem quanto tocadas para grandes multidões, o que pode ser uma experiência fantástica. Eu tive noites fantásticas em estádios, mas isso realmente altera o que você faz. Num clube é muito mais fácil você se manter focado. O público está mais perto e vendo o que quer que você faça. Você pode afinar a guitarra ou contar uma história. Um teatro retém o sentimento do show. Numa arena você consegue reter uma boa parte desse sentimento, mas o tamanho da coisa amplia o que você faz. Esta é uma arena e isso pede por algum tipo de grande gesto. Você tem que ser capaz de trocar os aparelhos e o contexto no qual você está. Algumas pessoas são grandes apenas em clubes. Alguns, como The Who e o U2, são grandes em um estádio”.

Eu conto ao Adam o que Springsteen disse e ele concorda e vai além: “O U2 nunca foi bom em clubes, lugares pequenos”, diz, desafiando todos aqueles fãs da Era Boy que dizem aos seus irmãos menores: “Você devia tê-los visto naquela época”.

“Eu acho que as pessoas - artistas, jornalistas - que nos viram naqueles lugares respondiam não ao que éramos na época, mas ao que poderíamos nos tornar”, diz.

Enquanto a Zoo TV atravessa a América no que é essencialmente um aquecimento de primavera antes de atacarem os estádios no verão, Axl Rose, o animado e imprevisível cantor dos Guns N' Roses, aparece algumas vezes. Em Los Angeles, ele é uma das muitas estrelas nos camarins e é impossível para Bono tirar algo que tenha sentido dele. Mas, quando ele vem para um concerto no Texas, eles têm uma chance para conversar. As mulheres do *Principle*¹ não tem problema em encontrar o seu julgamento; elas acham que o Axl é um amor.

“Hipocritazinho surpreendente”, é a reação de Bono. “Era muito fácil conseguir uma frase direta. Eu consigo entender porque as pessoas gostam tanto da música dele. Não há muita edição na conversa dele ou, obviamente, no trabalho. É uma linha direta com os instintos dele. E foi disso que eu gostei”.

“Eles são a minha banda favorita nesse momento”, diz Axl sobre o U2. “Estou finalmente entendendo certas músicas que eu nunca entendi antes ou com as quais não conseguia me identificar. Eu sempre os ouvi, mas a única música que realmente fazia a minha cabeça era ‘With or Without You’. Eu não conseguia me identificar com as outras músicas porque eu era tipo: ‘Isso é ótimo, mas eu simplesmente não vejo essa parte do mundo’. As coisas eram um pouco escuras demais para mim. Agora eu consigo ver mais das coisas sobre as quais ele fala”.

“Eu comprei o ‘Achtung Baby’ e eu realmente quero fazer um cover da terceira música, ‘One’. Eu quero tocá-la em turnê nesse verão. Eu acho que ‘One’ é uma das maiores músicas já escritas. Eu coloquei-a para tocar e simplesmente comecei a chorar. Foi um alívio tão grande. Foi realmente muito bom para mim. Eu estava realmente chateado porque minha ex-mulher e eu nunca tivemos uma chance por causa dos danos nas nossas vidas. Nós não tivemos uma chance e eu não tinha realmente aceitado isso. Essa música me ajudou a ver. Eu queria escrever uma carta para o Bono simplesmente dizendo: ‘O seu disco fez muito por mim’.” Quando eu menciono isso para os diferentes membros do U2, recebo uma série de reações diferentes. Adam sorri e diz para eu não me entusiasmar muito com o que pode ser apenas um interesse passageiro por parte do Axl. Edge diz que já sabia - um motorista de limousine disse-lhe que Axl sentou na parte de trás do seu carro e tocou “One” inúmeras vezes sem parar.

¹ Principle, ou Principle Management trata-se da equipe de produção do U2, ou o escritório da produtora.

Quando eu digo ao Bono, entretanto, ele pula direto para a associação. Diz que cada década precisa de uma banda que irá se erguer e refletir o espírito de sua época sem qualquer escudo. O U2 fez isso nos anos 1980 e não irão mais fazê-lo - é muito doloroso. Talvez esse seja o papel do Guns N' Roses agora. Estar lá fora com todas as suas extremidades nervosas abertas, refletindo todas as alterações atuais acontecendo no consciente coletivo sem qualquer ironia ou distância.

Bono diz que o U2 está trabalhando de forma mais sutil agora. Eu pergunto-lhe: "Como vocês conseguem refletir a época e desafiá-la?"

"Apenas a enfraquecendo", diz Bono. "Descrever é desafiar. Não é isso o que é suposto aos artistas fazerem realmente? Não é trabalho deles resolver o problema. É trabalho deles descrever o problema. E parte da descrição é dar-se conta que isso é muito atraente. É adiar a sua própria atração. Foi o Bertolucci que me deu essa dica".

"Ele estava falando sobre revistas de moda feminina e disse que nunca imaginou um período tão efêmero quanto os anos 1980. E, apesar disso, ele às vezes se encontrava folheando revistas de moda feminina e apreciando a energia delas. E que essas imagens perdiam o seu significado muitas das vezes; era puramente superficial - mas havia realmente algo naquilo. Foi um sinal para mim. Porque negar a energia é uma idiotice. E essa é a posição clássica do rock & roll: diminuí-la. Fazer isso é ignorar o quão grande a coisa é. Então o trabalho é descrever o que está acontecendo, descrever a atração, e ser suficientemente generoso para não mostrar o dedo para isso enquanto o faz".

"O Rock & roll é música folk agora. O rock & roll nunca havia sido tão sem inspiração, tão codificado. Se o rock & roll tivesse que ser apenas uma coisa, então é melhor que você diga que ele só pode ser Little Richard. O que não é o mesmo que dizer que não podemos fazer um álbum folk, mas não pode ser tudo o que podemos fazer. O rock & roll é um espírito e esse espírito é a Zoo TV".